

O Bispo e seu Ministério

Pe. Manoel João Francisco*

Em véspera de assumir o ministério episcopal na diocese de Chapecó, fui solicitado a escrever o que penso e estou sentindo neste momento. O que direi, portanto, são pensamentos esparsos, sem a pretensão de ser a última palavra, mesmo porque o exercício de qualquer ministério na Igreja deve ser vivo e dinâmico. O tempo, sem dúvida, haverá de me fazer ampliar a percepção do que pode e deve ser a pessoa do bispo e do seu ministério.

Antes de tudo, o bispo é um "servidor". Embora não seja novidade, penso ser de suma importância ter bem presente esta verdade, pois a tentação de querer ser "o maior" e de buscar os próprios interesses não foi coisa só dos apóstolos (cf Lc 22,24). Também os Santos Padres lembram com frequência a necessidade de o bispo saber que, antes de tudo, é um servidor.

Santo Agostinho, para realçar este pensamento, afirma que "bispo" é um designativo de trabalho e não de dignidade. Numa outra ocasião, tratando do mesmo tema, diz que não serve para presidir, nem a Eucaristia e nem a comunidade, o bispo que não tiver dentro de si a disposição de servir. Procurando uma imagem para plastificar seu pensamento, o Santo Doutor se pergunta: "De que adianta um in-feliz chamar-se Félix (isto é, 'Feliz')? Se acolhes em tua casa um mendigo, cheio de misérias, chamado Félix, e dizes a ele: 'Félix, vem cá;, Félix, vai lá; Félix, levanta-te; Félix, senta-te...' ele, apesar da múltipla repetição deste nome, continuará sendo um in-feliz. Semelhante a este homem é o bispo que não se coloca como servidor, que se preocupa mais com a sua honra do que com a saúde do rebanho, busca

"Na sua missão de servir, o bispo tem como prioritário o 'serviço da unidade'"

mais os próprios interesses do que os de Jesus Cristo. Esse recebe o nome de bispo mas não o é. Para ele, o nome é vão". (Semão 340A).

Na sua missão de servir, o bispo tem como prioritário o

"serviço da unidade". A tentação de separação sempre acompanhou a Igreja. Já nos tempos apostólicos, São Paulo, diante das divisões na comunidade de Corinto, se pergunta: *Estaria Cristo dividido* (1Cor 1,13)? Para preservar a unidade, desde os primeiros séculos foi estabelecido o ministério do bispo. Por isso o concílio Vaticano II, baseando-se em São Cipriano, afirma que "os bispos individualmente são o visível princípio e fundamento da unidade em suas igrejas particulares" (*Christus Dominus* 23/53).

A unidade de toda a Igreja passa pela unidade com os presbíteros e do presbitério, cuja presidência compete ao bispo. Santo Inácio de Antioquia, lá no início da Igreja, no ano 107, refletindo sobre a relação do bispo com seus presbíteros, diz que os presbíteros devem estar unidos ao bispo e o bispo aos presbíteros, da mesma forma que as cordas estão unidas à lira (cf. Ef 4,1). Santo Inácio não explicita, mas certamente supunha que cordas e lira deviam estar bem afinadas, porquanto, para que o som saia com perfeição, não basta que as cordas estejam atadas à lira.

Sabedores da importância do bom relacionamento entre presbíteros e bispo para a unidade da Igreja, os Padres do Vaticano II, nos decretos sobre "o múnus pastoral dos bispos na Igreja" (*Christus Dominus*) e "o ministério e a vida dos presbíteros" (*Presbyterorum Ordinis*), lembram aos bispos que são "irmãos e amigos" dos presbíteros, e como tais os devem tratar. Para tanto, devem estar dispostos a ouvir os presbíteros, a ter para com eles especial solicitude, tomando a peito o bem deles, tanto o material, quanto sobretudo o espiritual.

No ministério do bispo é também de fundamental importância o "serviço da Palavra". Por isso, a função que, mais do que as outras, identifica o bispo e que sobressai entre os seus principais deveres, é a pregação (cf *Lumen Gentium* 25/59). Mas, antes de ser mestre, dotado de autoridade para pregar, o bispo é discípulo da Palavra. Neste sentido, o versículo 4 do capítulo 50 de Isaías é inspirador: *O Senhor me deu a língua de um discípulo, para que eu saiba reconfortar pela palavra o que está abatido. Cada manhã ele desperta os meus ouvidos para que eu o escute como discípulo* (Is 50,4). No rito de ordenação episcopal, este caráter de discipulo-

lo da Palavra está muito bem caracterizado pelo rito da imposição do livro dos Evangelhos sobre a cabeça do ordenando.

Na qualidade de discípulo, o bispo deve zelar pela fidelidade à verdade, não só quando ele mesmo prega, mas por toda a pregação que é feita em sua diocese. Daí o cuidado que deverá ter pela formação dos seus presbíteros e agentes de pastoral. Esta preocupação está muito bem lembrada pelo Código de Direito Canônico, quando diz: "Cuide (o bispo diocesano) que sejam observadas com diligência as prescrições dos cânones sobre o ministério da Palavra, principalmente a homilia e a instrução catequética, a fim de toda a doutrina seja ministrada com fidelidade a todos. Defenda com firmeza a integridade e unidade da fé, empregando os meios que parecerem os mais adequados, reconhecendo, porém, a justa liberdade na investigação mais profunda da verdade" (Cân. 386).

No exercício de todo o seu ministério, o bispo precisa ser muito consciente da sua fragilidade e pecaminosidade. O povo de Deus, confiado ao pastoreio de um bispo, e a graça do ministério que lhe foi conferida, são tesouros preciosos que ele carrega *em vasos de argila* (2 Cor 4,7). Antes de ser bispo, ele é um ser humano, necessitado, como os demais, da misericórdia de Deus e da compreensão dos seus primeiros colaboradores, os presbíteros, e de todos os fiéis.

A consciência de pecado, no entanto, não pode ser desculpa para a falta de santidade. Aliás, santidade não é ausência de pecado, mas acolhida carinhosa do amor misericordioso de Deus e esforço sincero para corresponder a este amor.

É claro que esta disposição supõe uma espiritualidade amadurecida e profunda, que saberá dosar oração e trabalho, a exemplo do que São Gregório Magno, no século VI, pedia de um pastor: "Tenha o pastor uma compaixão que o faça próximo de cada um e uma con-

templação que o arranque da terra mais que tudo. Pela força do seu amor de pai, cuide das enfermidades dos outros. Pela altura de sua contemplação, eleve-se sobre si mesmo,

*"São tesouros preciosos que ele carrega em vasos de argila
(2 Cor 4,7)"*

desejando aquilo que não se vê. Não fique desatento com as misérias do próximo quando se entrega à contemplação. Não abandone suas altas aspirações quando se faz próximo das misérias humanas. Os verdadeiros pastores não apenas se entregam à contemplação daquele que é a Cabeça da Igreja, o Senhor, mas também descem em direção dos membros pela compaixão. É por isso que Moisés, frequentemente, entrava na Tenda e dela saía. Dentro, ele se alegrava na contemplação. Fora, se apressava em atender as necessidades dos que sofriam. Dentro, ele meditava os segredos de Deus. Fora, carregava o fardo dos pobres. Em suas dúvidas, ele sempre retornava para a Tenda e consultava o Senhor, diante da Arca da Aliança. Assim deu, certamente, o exemplo aos pastores: quando, fora, eles hesitam sobre as decisões a tomar, voltarão sempre a seus corações, transformados em tendas. Consultarão o Senhor diante da Arca da Aliança, se procurarem neles mesmos, em seu interior, as páginas do Livro Sagrado, para a solução de suas dúvidas. Também a Verdade em pessoa, que se tornou visível para nós assumindo a nossa humanidade, se dedicou à oração na montanha e realizou milagres nas aldeias. É um exemplo dado aos verdadeiros pastores. Entregues à contemplação, deixem-se ocupar com as necessidades dos mais fracos pela compaixão. A caridade se dirige maravilhosamente para as alturas quando ela se deixa, com misericórdia, atrair para as misérias do próximo. Mais ela desce com amor para as fraquezas, mais ela se dirige às alturas". (Regra II, 5)

Florianópolis, 28 de dezembro de 1998

* O Autor, Doutor em Teologia, desde 1994 Diretor do ITESC, foi eleito Bispo de Chapecó no dia 28.10.1998

Sua ordenação episcopal e o início do seu ministério, como bispo de Chapecó, dar-se-ão na sede da diocese, no dia 21.02.1999

Endereço do Autor:

Caixa Postal 726
89801-970 CHAPECÓ, SC